

6 con - Brasil

Economistas ainda vêem problemas para o Plano

ESTADO DE SÃO PAULO 18 OUT 1990

O ex-ministro do Planejamento, Mario Henrique Simonsen, não acredita numa queda dos índices da inflação até o final do ano. Para ele, a economia não tem fôlego, porém, para alimentar uma alta expressiva dos preços nos próximos meses. "Tudo deverá ficar como está", afirmou ontem, em São Paulo, pouco antes de participar da solenidade de entrega de prêmios a estudantes de Economia, promovida pela instituição financeira Losango. Simonsen está convencido que os efeitos da política monetária e fiscal mantida pelo governo só poderão ser sentidos no primeiro trimestre de 1991.

De acordo com avaliação dos economistas que participaram da cerimônia, entre os quais Daniel Dantas, Edmar Bacha e Roberto Macedo, o País voltará a crescer tão logo ocorra a estabilização da economia. A dúvida, porém, está no momento em que isso poderá ocorrer. "Segundo o raciocínio abstrato dos economistas, o aperto monetário e o ajuste fiscal conduzirão, mais cedo ou mais tarde, à queda da inflação." O custo social das medidas será menor se a sociedade também acreditar nisso, afirmou o ex-minis-

tro. O pacto social e, com isso, a reintrodução de um sistema de controle de preços, poderão acelerar o processo, afirmou Simonsen.

Daniel Dantas comparou a dificuldade do governo em controlar a inflação ao trabalho de recuperação de um delinquente. "É difícil, exige empenho e vontade, e nunca se sabe quanto tempo vai levar." O economista criticou a liberalização das importações que, na sua opinião, não deverá contribuir para o incremento da eficiência do sistema produtivo nacional, pois está sendo conduzida de forma atabalhoadas e não servirá de estímulo para a importação de bens de capital. Para Dantas, o Brasil não irá retomar o crescimento com a mesma velocidade da década de 70.

Edmar Bacha acha que o fundamental para a retomada do crescimento é o estímulo aos investimentos. Ele não vê, porém, possibilidade de que isso ocorra com a participação de poupança externa. A mudança no tratamento do pagamento da dívida externa brasileira, que passará a ser paga com o superávit fiscal ao invés de superávit comercial, foi elogiada por Bacha: